

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

HENRIQUE RAIMUNDO DO NASCIMENTO

FEIRA LIVRE DE PICOS - PIAUÍ: UM LUGAR DE MEMÓRIA E CULTURA

**PICOS-PIAUÍ
2014**

HENRIQUE RAIMUNDO DO NASCIMENTO

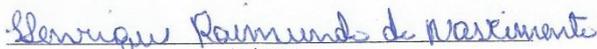
FEIRA LIVRE DE PICOS - PIAUÍ: UM LUGAR DE MEMÓRIA E CULTURA

Monografia apresentada à Universidade Federal do PiauÍ, curso de licenciatura Plena em História, orientada pela professora Mestre Ana Paula Cantelli Castro.

**PICOS-PIAUÍ
2014**

Eu, **Henrique Raimundo do Nascimento**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 19 de agosto de 2014.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

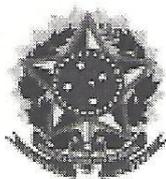
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

N244f Nascimento, Henrique Raimundo do.
Feira livre de Picos Piauí: um lugar de memória e cultura /
Henrique Raimundo do Nascimento. – 2014.
CD-ROM : 4 ¼ pol. (39 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do
Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Profa. MSc. Ana Paula Cantelli

1. Feira Livre. 2. Cultura. 3. Memória. I. Título.

CDD 981.812 22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos oito dias (08) do mês de Agosto de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Hemrique Raimundo do Nascimento** sob o título: **FEIRA-LIVRE PICOS-PIAUÍ: um lugar de memória cultural e social.**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Profa. Ms. Ana Paula Cantelli Castro
Examinador 1 : Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador 2: Prof. Ms. Rodrigo Gerolineto Fonseca

Deliberou pela Aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,0.

Picos (PI) 08 de Agosto de 2014

Orientador (a): Paula
Examinador (a) 1: Francisco Gleison da Costa Monteiro
Examinador (a) 2: Fonseca

Dedico a Mãe Dita, expressão de amor e proteção que sempre me fez confiar na vida. Obrigado por este grande ensinamento.

A meu avô Dico, artesão das rapaduras e da vida.

A minha mãe Tereza, por me mostrar que tudo de bom é possível quando nos tornamos cúmplices um do outro.

A minha esposa

Aos demais familiares e a todos que contribuíram com esta conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, por me mostrar que com o suor que deixo na feira, realizo o que planejo à luz de seus ensinamentos;

Aos educadores, na pessoa da querida professora Mestre Ana Paula Cantelli, por todos os ensinamentos e a paciência com que me ajudou a administrar a ansiedade.

Aos feirantes de Picos, pelo acolhimento e disponibilidade para comigo.

A tecnologia moderna é capaz de realizar a produção sem emprego. O diabo é que a economia moderna não consegue inventar o consumo sem salário. (BETINHO).

RESUMO

Neste trabalho monográfico faremos uma reflexão sobre a Feira de Picos, sua história, uma visão geral de seu ambiente, perfil dos comerciantes e clientes. Veremos que a feira é considerada um ponto turístico e suas potencialidades representam além de um centro de abastecimento, também um atrativo de memória para os turistas que visitam a cidade. Neste sentido, a Feira Livre de Picos tem referencialmente um valor identitário dos povos do centro sul do Piauí. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica referenciada em autores como: Já Sato, 2007; Mascarenhas (2005), entre outros. Realizou-se ainda pesquisa de campo, mediante entrevistas não estruturadas, tendo como informantes cinco feirantes mais idosos atuantes no cenário social da pesquisa, distribuídos pelos principais segmentos a saber: calçados e confecções, pescados, cereais, doces artesanais, frutas e verduras, feiras de animais e de troca-troca. Diante da questão norteadora da pesquisa: qual a importância da Feira Livre para a memória cultural e social de Picos? E dos objetivos pretendidos, os resultados evidenciaram que, embora aparentemente dentro de uma visão de caos, a feira-livre de Picos é norteadora pela setorização de mais de cinco mil tipos de produtos, colocados à disposição do usuário, que ora é comerciante, ora se faz também consumidor, impulsionando um comércio com total liberdade de criação, sobrevivendo às custas do próprio impulso de mercado. Um lugar que necessita de apoio dos poderes públicos no sentido de conservar e expandir, vez que se trata de um espaço de memória cultural e social.

Palavras-chave: Feira-livre. Cultura. Memória.

ABSTRACT

In this monograph we will reflect on the Fair Picos, its history, an overview of their environment, listing of dealers and customers. We will see that the show is considered a tourist spot, and their potentialities are to be in addition to a supply center, is also an attractive memory for tourists visiting the city and referentially an identity value of the peoples of south-central Piauí. The methodology was referenced in literature as authors: Have Sato, 2007; Mascarenhas (2005), among others. We conducted further field research, and acting as informants five older fairground in social research scenario, distributed by major segments namely: footwear and clothing, fish, cereals, artisan sweets, fruits and vegetables, animal fairs and exchange -exchange. Given the guiding research question and the intended objectives, the results showed that, although apparently within a vision of chaos, the fair-free peaks is guided by compartmentalization of over five thousand kinds of products available to the user, which is now dealer, now also makes consumer, fueling a trade with total creative freedom, surviving at the expense of the pulse of the market itself. A place in need of support from public authorities in order to maintain and expand, since it is a space for cultural and social memory.

Keywords: Fair-free. Culture. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Segmento de calçados e confecções

Figura 2 – Feira de frutas e verduras

Figura 3 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus na década de 20

Figura 4 – Feira de doces

Figura 4 – Igreja Nossa Senhora dos Remédios

Figura 6 – Construção do novo mercado público municipal

Figura 7 – Atual mercado público municipal

Figura 8 – Feira de legumes e verduras

Figura 9 e 10 – Mapas de localização da Área de Estudo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MEMÓRIA, CULTURA E SOCIEDADE.....	13
2.1 Memória e cotidiano.....	13
2.2 Cultura e sociedade.....	15
2.3 Cultura da economia ou economia da cultura, na feira.....	17
3 FEIRA LIVRE DE PICOS: CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS.....	21
3.1 Passado e presente no mesmo espaço social.....	25
3.2 Um Plano de Mudanças.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

As feiras livres são espaços tão criticados, quanto visitados. Trata-se de um objeto controverso, devido a suas qualidades e defeitos. Estudá-las requer no mínimo um aguçado senso de observação e análise para minimamente compreender os aspectos principais que as formam.

Muito se questiona se existe nas feiras livres uma economia da cultura ou uma cultura da economia. Na verdade, acredita-se que ambas nasceram juntas, a cultura apoia a economia e esta já representa em si o somatório de expressões culturais que criam e identificam uma imagem coletiva em busca de cidadania e interação de diferentes maneiras.

Portanto uma feira pode ser entendida como significante e significado. Ferreira (2001, p. 317), expressa a multiplicidade de entendimentos cabíveis na palavra feira como sendo “lugar público, não raro descoberto, onde se expõem e vendem mercadoria”, mas também, pode-se se referir aos dias úteis da semana. Essa denominação tem relação com o fato de ser local de trabalho, ponto de encontro, com agenda pré-estabelecida conforme organização própria.

Com origem medieval, as feiras livres têm seu nascedouro ancorado em circunstâncias diversas e até antagônicas nas quais podem estar até mesmo à junção da necessidade com a fartura. É certo que em cada contexto cria-se suas próprias condições de sobrevivência. Em Picos, estado do Piauí, emerge a segunda maior feira Livre do Nordeste Brasileiro. Muitas referências já foram feitas a esta, como é o caso do historiador e economista Renato Duarte (2000), que a considera um fator de propulsão do crescimento da cidade, tendo se originado junto com a chegada dos primeiros habitantes.

No livro “Picos, Verdes anos 50” o autor refere-se à feira como um espaço receptor de gêneros alimentícios e produtor de artesanato para fins comerciais, entretanto, pouca alusão é feita à memória e à cultura imanentes dos espaços de compra e venda ao ar livre inicialmente na rua Velha e atualmente nas Praças Justino Luz, Matias Olímpio e Josino Ferreira.

Conforme se pode constatar, o mesmo objeto apresenta diferentes focos como possibilidade de estudo. O presente consiste em averiguar qual a importância da Feira Livre de Picos para a memória cultural e social da cidade.

Este estudo tem como objetivo geral analisar a importância da feira livre de Picos para a memória, a cultura e a sociedade. Nos objetivos específicos buscou-se resgatar a história da feira, identificar os traços essenciais que remanescem no tempo e as novas características

incorporadas na prática dos feirantes, bem como, estabelecer sua relação com o cotidiano social.

Justifica-se a opção pelo tema o fato de se perceber uma lacuna na prática acadêmica, uma vez que se encontrou até o momento mais referências aos aspectos mercantilistas da feira de Picos, que são inegavelmente importantes, entretanto, os aspectos culturais e de memória são no todo a expressão desse fazer e encontram-se relacionados tanto com a sobrevivência financeira, quanto com o delineamento da identidade cultural dos povos do sul do Piauí.

O método de pesquisa utilizado na coleta de dados foi entrevista de caráter não estruturado e pesquisa bibliográfica referenciada em autores como: Stuart hall, Mascarenhas (2005), entre outros. Realizou-se ainda pesquisa de campo, tendo como informantes cinco feirantes idosos atuantes no cenário social da pesquisa, distribuídos pelos principais segmentos, a saber: calçados e confecções, pescados, cereais, doces artesanais, frutas e verduras, feiras de animais e de troca-troca.

Preliminarmente, constata-se como na maioria das feiras livres uma visão de caos, mas ao analisar mais detidamente os espaços de atuação do feirante percebe-se certa organização no que tange à setorização: calçados e confecções, frutas e verduras; cereais e segmento peixeiro; doces artesanais e especiarias; troca-troca e animais vivos.

Todos estes segmentos são caracterizados por esporádicas apresentações de artistas regionais com o fim de oferecerem seus produtos e atrair a atenção do público para os inúmeros setores de venda. Deste modo, a luta pela sobrevivência encontra na memória cultural uma sobrevida que se inscreve na prática cotidiana dos sujeitos sociais que enriquecem com suas múltiplas ações os espaços de comércio que a formam.

Este trabalho monográfico encontra-se organizado em dois capítulos: no primeiro, Memória, Cultura e Sociedade, trata-se de uma abordagem teórica com base em autores como Burke (2000), Munford (1998), Stuart hall, entre outros, relacionando elementos como memória e cotidiano, cultura e sociedade e particularmente, Cultura da economia ou economia da cultura, na feira. No capítulo seguinte, Feira livre de Picos: características essenciais, apresenta-se os resultados da pesquisa de campo, abordando passado e presente no mesmo espaço social e ainda, a feira num Plano de Mudanças do centro de Picos para o Bairro Boa Sorte.

Espera-se contudo, que o estudo possa gerar reflexões mais profundas acerca da cultura e da economia, sobretudo quando envolve pessoas que foram para a feira porque se viram à margem da economia formal. Se preliminarmente alguma lição pode ser adiantada, é a de que a luta árdua pela sobrevivência é a cultura da vida.

2 MEMÓRIA, CULTURA E SOCIEDADE

2.1 Memória e cotidiano

A memória é constantemente tida como uma construção excêntrica, idealizada por pessoas que adotam o ócio como significado de vida. Entretanto, a construção e o resgate da memória são de suma importância para a identidade de um povo, nação e do próprio sujeito, que em se reconhecendo remanescente de raízes próprias amplia sua capacidade de criar e recriar o seu espaço, como parte de si mesmo.

Sobre a ideia de nação repousa assim uma comunidade bioantropológica fundada na cultura e na língua, portanto, ancorada na memória e produtora de novos significados perante si e o outro, no cotidiano de suas relações e das condições que o meio lhe oferece.

Stuart Hall apresenta assim uma construção semântica acerca da memória que serve de embasamento ao presente estudo. Segundo o autor, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas, transformadas no interior da representação. (HALL, 1999, 48).

Significa que, embora já exista uma memória coletiva com a qual o humano se depara ao nascer, considerando o lado coercitivo da cultura, as pessoas ressignificam o ser, o estar e o fazer, na medida em que imprimem suas emoções, anseios e conhecimentos próprios acerca do que existe a sua volta.

É pois a memória um dos elementos fundantes da afirmação de que cada ser já nasce em uma comunidade simbólica, uma vez que, eivada por sentimentos de identidade e de pertença bem mais complexos que a geografia de seus limites fronteiriços.

Nesses termos, requisita-se para melhor entendimento, os conceitos elaborados por (FERREIRA, 1989, 334) que considera a memória como sendo a faculdade de reter ideias ou reutilizar sensações, impressões ou quaisquer informações adquiridas anteriormente.

Consiste, como quer Hall (1999) em lembrar a própria lembrança, resgatando experiências adquiridas, seja por pessoas, grupos ou comunidades inteiras. Nestes termos, resgatar a história da feira livre de Picos significa alavancar sistematicamente parte da identidade dos povos do sul do Piauí, devido a seu intenso significado para a citada gente.

A retenção das experiências pessoais e coletivas podem vir à tona por meio de estímulos diversos, é o caso de um objeto, uma música, uma gastronomia, um lugar, por exemplo, todo este conjunto pode trazer à mente sensações de estranheza ou de intimidade. O

conhecimento científico não apenas abarca em suas diversas áreas esta riqueza produzida no seio da abstração, como também dela faz uso para produzir novos conhecimentos.

Diante do enunciado, “a memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente”. (JAPIASSÚ, 1996, 178).

A memória está assim relacionada ao passado e também ao presente, se assim considerar-se estímulos sensoriais e lembranças, na intrínseca relação entre significante e significado. É por isso que a memória é uma fábrica ininterrupta de sentimento de pertencimento e identidade, como também de repulsa, de medo, de vergonha, de orgulho, enfim, sentimentos que acarretam diferentes reações.

Diante do exposto, verifica-se que existe resistência de grupos que empreendem esforços tanto para esquecer, quanto para lembrar, mantendo os significantes que a ativam, como constituinte da identidade. Vale ressaltar que a memória coletiva é livre, ela estar nos personagens tanto quanto estes se encontram nela, seja consciente ou inconscientemente, constituindo-se no cerne de uma cultura.

Mas, torna-se importante indagar acerca da finalidade da memória e encontrou-se em (WEHLING, 2003, 13), que ela tem por missão marcar o sinal de uma cultura, delineando a própria identidade, notadamente, quando se trata da memória de grupo. Nestes termos, a memória forjada no espaço da feira livre de Picos é essencialmente uma memória coletiva com reflexos à identidade, tanto individual, quanto de grupo, pois, cada setor de comercialização de produtos guarda em seus integrantes casos que aproximam o ser do fazer e do estar, na medida em que criam e recriam seus significados.

A memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememoração, o que estará ligado à questão de identidade (SANTOS, 2004, 59).

É semelhante a afirmar que a memória social é um dos mecanismos para abordar o tempo e a história. A expressão tempo consequente abrange assim fatores relacionados com o resgate de um passado na busca por um futuro que ciclicamente não se repete, enquanto história viva nas sociedades, que têm como premissa a ação dos sujeitos sociais na sua intrínseca relação entre memória e cidadania.

Entretanto, para que a memória gere cidadania, é necessário que seja formada sobre valores salutarés para o indivíduo e para o grupo, que a repassa de geração em geração. Há, diante disso, a presença do traço cotidiano na história, embora se esclareça que não se trata de

trivialidade e sim de construção coercitiva, entretanto livre nos termos já mencionados, mas influenciada pelos traços da cultura, uma vez que memória gera cultura e a cultura também estar na memória e por isso mesmo, ambas são elementos postos na sociedade.

A memória cotidiana que se cria e se reproduz na feira livre de Picos representa um dos traços mais marcantes da cultura local, delineando uma imagem social marcada mais pelo instinto de sobrevivência que pelo zelo ao patrimônio cultural. O espaço livre de negociação, que a priori iniciou com o comércio de animais vivos e foi se expandindo rua adentro, atraindo o interesse de populações ribeirinhas do rio Guaribas bem expressa a natureza de um empreendimento espontâneo, criado e mantido ora pelas condições do meio, ora pela absoluta falta destas condições.

A fartura dos bons invernos que tanto trouxeram mantimentos agrícolas e requereram a oferta de mão de obra, ferramentas, roupas, calçados, medicamentos, tanto quanto a crise existencial no estopim das grandes estiagens que requereram um contexto de fé, de vivência coletiva da religião, de frentes de trabalhos e com elas novos padrões de vida e de consumo marcam a presença na história da feira como acolhedora *do modus vivendi* dos povos do sul piauiense.

2.2 Cultura e sociedade

Muito se fala sobre cultura e seus significados ora elucidam, ora têm aparecido eivado por deturpações prejudicando o entendimento do termo. A palavra cultura provem do latim *colere*, que significa cultivar. Isto ocorre porque no período clássico, o termo relacionava mais com a agricultura, ato de semear a terra.

Atualmente, porém, a palavra cultura é atribuída a todo o conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes, enfim, hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Mas há também um conceito bastante vigente acerca da Cultura enquanto manifestação artística. Nestes termos, dizer que a atividade praticada na feira é cultural é afirmar acerca do fazer de um povo.

Este conceito é ainda bastante ignorado pelo senso comum, cuja noção mais viva acerca de cultura ainda é a de desenvolvimento, educação, bons costumes, etiqueta e comportamentos de elite. Isso se deve aos padrões civilizatórios vigentes na Europa, notadamente França e Inglaterra, onde os padrões de educação aristocrática permearam o pensamento e a produção cultural em monopólio durante muitos séculos.

Vale ressaltar que a cultura das feiras livres é predominantemente a cultura popular, por serem espaços mais frequentados por pessoas de baixo poder aquisitivo e pouca instrução escolar. Atualmente, nem mais, nem menos valorizada, apenas diferente da cultura erudita, porquanto, não menos identitária do que esta.

A despeito do enunciado, leia-se o pensamento do filósofo espanhol Ortega y Gasset: “eu sou eu e a minha circunstância”, o qual, aplica-se sob medida ao espaço das grandes áreas livres de comércio, criadas pelo contexto de sociedade.

Estes espaços são em si resultantes de diversas manifestações culturais, pois a sociedade é dinâmica e plural. A. Bosi (1992) exemplifica: estamos acostumados a falar em cultura brasileira, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que uma tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes.

A própria natureza compartimentada da antropologia Cultural já fazia uma repartição do Brasil em culturas aplicando-lhes um critério racial: cultura indígena, cultura negra, cultura branca, culturas mestiças. Atualmente, dentro dos espaços livres de comércio muitas culturas interagem sem necessariamente comprometer a identidade e as origens da sociedade, desde que assimiladas com criticidade e conhecimento.

Encontra-se em Bosi (1992) que as culturas são objetos de análise e sua existência independe da aceitação de grupos isolados. O autor enumera práticas e espaços característicos que ratificam esse pensamento.

Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (BOSI, 1992, p. 308).

Existem fermentos animadores dos sistemas culturais que com seus bojos ideológicos deixam claras mensagens acerca de seus conteúdos e das convicções de seus membros, direito este que também assiste à crítica, desde que a própria democracia enquanto cultura de paz se faça uma construção de ressignificados de ideias e práticas fundantes da liberdade e da livre valorização do humano.

A essas duas faixas extremas bem marcadas (no limite: Academia e Folclore) poderíamos acrescentar outras duas que o desenvolvimento da sociedade urbano-capitalista foi alargando. A cultura criadora individualizada de escritores, compositores, artistas plásticos, dramaturgos, cineastas, enfim, intelectuais que não

vivem dentro da Universidade, e que, agrupados ou não, formariam, para quem olha de fora, um sistema cultural alto, independentemente dos motivos ideológicos particulares que animam este ou aquele escritor, este ou aquele artista. Enfim, a cultura de massas, que, pela sua íntima imbricação com os sistemas de produção e mercado de bens de consumo, acabou sendo chamada pelos intérpretes da Escola de Frankfurt, indústria cultural, cultura de consumo. (BOSI, 1992, p. 308).

Portanto, acredita-se que as feiras livres nasceram juntamente com as primeiras manifestações de comércio e com elas uma eclosão cultural resultantes de crenças, vocação. abundâncias e necessidades dos feirantes o que leva a imprimir valores e significados ao modo de ser feirante na disputa o espaço urbano.

2.3 Cultura da economia ou economia da cultura, na feira

As feiras são institutos de sobrevivência antigos, e suas primeiras manifestações aparecem na Era Medieval europeia ligada ao comércio e às festividades religiosas. Geralmente encontra-se também uma certa relação entre os dias de feira e os feriados, a começar pelo latim vulgar *feria*, de onde se origina o vocábulo português *feira*, aludido a dia santo ou feriado.

Com o florescimento do comércio no século XIII, as feiras tanto contribuíram com o fomento quanto dele se beneficiaram para crescimento próprio. Espaços eram improvisados em vias públicas e calçadas para ofertar mercadorias geralmente vindas do campo, vendidas a baixo preço ou trocadas por produtos industrializados ou provenientes do oriente, como é o caso das especiarias que têm ainda hoje seus espaços reservados em praticamente todas as feiras livres, expressando estreita relação com a gastronomia de cada região.

O desenvolvimento das feiras livres trazem em si importantes legados como o aparecimento da estrutura bancária na Europa e seu modelo serve de referencia para as demais regiões do mundo, predominantes sobretudo em rotas comerciais.

A periodicidade era determinada pela necessidade, poder aquisitivo, enfim, volume do comércio e geralmente o foco principal era o entorno das Igrejas, em tempos de festejos. Desde o princípio de sua história, vendedores já utilizavam a arte para atrair a atenção de clientes. Em Viena e Veneza, por exemplo, os centros de compra ao ar livre já apresentavam saltimbancos e mágicos em espetáculos públicos de lona em lona.

Mascarenhas (2005) encontrou, no Brasil, registro das feiras livres ainda no século XVII, mas segundo o mesmo foi em 1711 que o Marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil, oficializou-as, inicialmente no Rio de Janeiro.

Embora isto seja atribuído à colonização portuguesa, a referida fonte nos dá conta de que foi com a abolição da escravidão negra que eclodiram as vendas ao ar livre, nas maiores cidades brasileiras. Explica-se que a favelização provocada pelo fechamento das senzalas das grandes fazendas de café do sul e do sudeste do país acentuaram o que já parecia impossível, a precariedade da vida dos ex-escravos. Foi assim que a culinária e as rendas artesanais africanas invadiram calçadas e fomentaram um considerável volume de comércio em nome da sobrevivência.

Nestes termos, verificou-se de início, mais uma cultura da economia que propriamente uma economia da cultura. As quitandas e os atracadouros de navios tornaram-se cada vez mais locais cobiçados pelo volume de vendas que apresentavam, sobre os quais se foram construindo a noção de espaços comerciais especulativos, já então tidos como fim e não mais apenas como meio, ou seja, um bem onde se vendia e comprava outros bens.

Segundo Mascarenhas (2005), os traços comuns entre nobres e plebeus nesta modalidade de comércio no início do século XIX eram a desorganização e a falta de higiene. Mesmo assim, o interesse devido ao movimento de capital levou ao reconhecimento oficial das feiras por suas respectivas autoridades municipais. A feira do Rio de Janeiro, por Exemplo, foi autorizada em 1904 pelo então prefeito Pereira Passos, sendo este ato seguido por outros administradores, como São Paulo, em 1914, Recife e Belo Horizonte, em 1915.

Segundo Burke (2000), existe atualmente certa separação de conceitos de feira livre e expressões culturais artísticas, pois raramente a feira é vista como uma celebração em si, sendo que aparece sim intensamente como comércio, separada de expressões de arte, embora esporadicamente estas ainda aconteçam em meio às vendas.

No Nordeste Brasileiro, por exemplo, é o caso de Caruaru, Senhor do Bomfim, Feira de Santana, Campina Grande, Mercadão de Salvador, entre outros espaços típicos, a presença de violeiros, emboladeiros e sanfoneiros ainda sejam vigentes, entretanto, não mais para servir de atração da atenção para barracas e sim, para venderem seus próprios produtos.

Embora seus motivos sejam diferentes, a festa popular também possui um forte aspecto de comercialização atualmente, segundo Burke (2000). A diferença é que na feira livre a realização da venda é o principal objetivo, e portanto este aspecto não precisa ser camuflado. Mesmo assim, essa característica não muda o fato de que nestes eventos ocorre uma nítida celebração.

Isso não significa que o comercial como principal fundamento das feiras isole o cultural enquanto aspecto identitário, como oportunidade celebrativa da cultura popular. Encontra-se em Amaral (1998) que mesmo sob efeito da rotina, as noções de identidade,

comunidade, hábitos, relações e comunicação aparecem fortemente durante toda a sua duração e possibilitam aos indivíduos em situação de subalternidade um sentimento de humanização. Portanto, é expressivo, uma espécie de grito popular.

Quanto às mudanças, a modernidade é líquida, afirma Bauman (2006). Numa era em que o virtual toma espaço real, nenhum cenário é de fato duradouro. A análise das feiras livres torna-se também complexa uma vez que tudo se funda na cultura e a miscigenação, tanto quanto a mudança provocada pelo conflito local e global é um elemento componente, cuja dinamicidade impõe seus desafios.

Um dos pontos que facilitam estudos é que as feiras livres têm traços comuns entre si, mas também, cada uma guarda as suas peculiaridades. Em relação aos produtos e serviços ofertados, os fatores tempo, tecnologia e clientes são os preponderantes para as mudanças. Já em relação às raízes, pesam mais as tradições culturais. Nesses termos, Munford (1998) considera que tradição e inovação são os aspectos mais contrastantes e presentes das cidades na história.

No que concerne ao objeto feiras livres, assimila-se por exemplo, com as festas populares, cada feira livre é, ao mesmo tempo, igual e diferente da anterior. Com amparo em Buke (2000), é semelhante a dizer que a história das cidades confunde-se, de certa maneira, com a história de suas tradições.

As feiras trazem como possibilidade ainda a manutenção do aspecto provinciano da conversa ao ar livre, da interação, da diversão, na medida em que os feirantes criam rodas de conversa, contrariando assim a tendência a que Zygmunt Bauman (2006), chama de modernidade líquida, segundo a qual atualmente as pessoas vivem com medo do “outro” e fogem de qualquer tipo de interação pública, de encontros e envolvimento social. Uma modernidade de relações superficiais, de rostos despersonalizados. A ameaça ou desconfiança provocada pelo diferente levam à vida vivida em “guetos”, isoladas com “iguais”, motivadas pela falsa sensação de proteção. Na modernidade líquida, espaços urbanos não são aproveitados para a convivência.

Embora muitos lugares ainda representem belas paisagens, não encorajam a permanência de pessoas. São apenas pontos superficiais de passagem, pessoas os transformam corriqueiramente em percurso, mas nem mesmo o percebem. Espaços públicos figuram assim, mais como um “não-lugares” do que como um lugar. Eles são vazios como vazios são as pessoas.

Um ponto interessante é que a feira mostra-se como uma oportunidade de quebrar essas barreiras sociais e explorar o espaço esquecido. Nela, as pessoas tiram um pouco de suas

máscaras e entram em contato. E um espaço público, mas não civil, se transforma, e por algumas horas, a realidade do local é modificada.

Mascarenhas (2005) reforça que feiras e eventos culturais, que às vezes ocorrem em lugares próximos às praças públicas ajudam a expandir a relação com a espacialidade e a recuperar a convivência e real utilização de espaços negligenciados.

3 FEIRA LIVRE DE PICOS: CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS

A Feira de Picos localizada no centro da cidade é um lugar de tradição e memória onde todos os dias atraem pessoas de diferentes cidades para fazerem compras, passear e entreterem-se. Nela encontra-se uma variada gama de produtos, desde gêneros alimentícios a vestuários, calçados e confecções.

Pessoas sobrevivem do comércio ao ar livre, como vendedores de frutas e verduras, peixeiros, comerciantes de doces artesanais como rapadura, cocada, quebra-queixo, buriti, entre outros. Também é pujante o volume de cereais, bijuterias, carnes, legumes, animais vivos, sendo que reluta ainda um acanhado espaço para o artesanato, nas modalidades frande, couro, corda e caroá.

A feira livre de Picos é a segunda maior do Nordeste brasileiro, sendo a primeira, a Feira de Caruaru-PE. Em Picos a feira é conhecida como o coração da cidade denominação dada pelos feirantes que nela trabalham. O município de Picos apresenta o terceiro maior PIB do Estado (dados IBGE, 2010), sendo que a região fiscal de Picos arrecada mais que as regiões fiscais de Parnaíba, Floriano e Campo Maior juntas, ficando atrás apenas da região fiscal da Capital Teresina.

Muitos aspectos facilitam este desenvolvimento, a citar, Picos possui uma das maiores frotas de veículos per capita do país, haja vista que o município possui em média um automóvel para cada três pessoas. São 25.569 veículos motorizados para 71.000 habitantes, dados de 2010. Isto corresponde a um fluxo diário de 40 mil veículos trafegando.

São carros que transportam pessoas e produtos, entrecruzando setores nos quais o visitante pode encontrar desde ruas específicas para determinados tipo de produto que queira comprar, como a das confecções de roupa ou sulanca, da farinha, das frutas, peixes, troca-troca, passarinhos e mais adiante a feira dos animais. Tantas são as peculiaridades e os atrativos que cada dia mais ela passa a ser conhecida por pessoas de vários outros lugares pelo Brasil.

Os turistas estrangeiros e muitos brasileiros encontram no setor da rapadura um propício local para degustação da culinária local, mas também de informação e aquisição de dados da cultura nordestina, a cotar pela música, notadamente forró, baião e cantoria.

Nesta ala encontra-se tudo em doces, como o buriti, a batida, o doce de leite, a rapadura, o mel, etc. e os vendedores acolhem bem em suas barracas. Existem desde os produtos mais refinados, com preço e embalagem adequada a cada situação, mas pode ser

encontrar na feira de Picos uma infinidade de produtos, artigos ou artefatos a preços relativamente baixos, favorecendo os consumidores de todas as camadas ou classes sociais.

A jornada começa cedo e a procedência dos produtos revela um ecletismo de gosto e de preço que atende a diferentes tipos de clientela. Na Feira de Picos varia de cada compartimento sobre quando chegam às mercadorias para serem vendidas nas bancas ou barracas as das roupas elas vem de Caruaru e Fortaleza e são colocadas antes do sol amanhecer pelos donos do ponto, já a rapadura vem de cidade próxima de picos como Valença, São José, etc. e são exporta logo que chegam pela manhã, as de frutas são trazidas de Petrolina, Juazeiro, etc. e chegam antes de clarear o dia. Podem-se encontrar na feira uma infinidade de produtos, artigos ou artefatos a preços mais acessíveis, favorecendo os consumidores que eram comprar.

Sobre as feiras, podemos afirmar que as mesmas não são apenas formas e lugares de anônima aglomeração periódica. “são sim, espaço de sociabilidade específica, gestados no contexto da modernidade, (...), pois ali as tradicionais estruturas da vida cotidianas foram abaladas e novos espaços de sociabilidade são engrenados” (Mascarenhas, 2005).

Todos os dias na cidade durante a feira é um vai e vem. Gente que vende, gente que compra, gente que passeia. Vende-se de tudo na Feira de Picos, cama, mesa e banho, animais como porco, cabra, galinha, passarinho, etc.

É evidente que nestes espaços a informalidade retrata a má qualidade de vida da população, afinal, o trabalhador informal não é se não o exercito de trabalhadores reserva que o mercado capitalista expurga e na medida em que isso acontece, sobretudo nos chamados intervalos de ciclos econômicos a atividade informal recrudescer a cada vez mais forte, conferindo maior pujança à feira que se expande pelas calçadas e vias públicas.

Existem inclusive muitas reclamações por parte dos comerciantes formais que alegam concorrência desleal, uma vez que pagam impostos e cumprem com todas as obrigações da malha fiscal. Logo, seus produtos perdem poder de competitividade, já que os preços são repassados ao consumidor. Entretanto, a feira livre apresenta-se como uma alternativa de trabalho aos segmentos menos favorecidos financeiramente e aos trabalhadores não qualificados.

Ademais, o ponto forte da feira ainda permanece sendo os gêneros alimentícios, produtos agrícolas lavrados na região, portanto isentos de impostos. Nessas atividades, percebe-se como na figura a seguir, o encontro do citadino e do rural, numa expressão interativa de fruição do comércio em diferentes níveis.



Figura 1 - segmento de calçados e confecções. Fonte: (o autor, 2014).

Nesta imagem fica claro a quantidade de pessoas que circulam na feira especificamente durante o sábado que é o dia principal da feira, no restante da semana, ela funciona normalmente mais sem grandes movimentos.

A comunicação entre os feirantes e os clientes é feita de forma direta e simples tudo para poder facilitar na hora da venda, pela linguagem verbal a informação é transmitida no momento e a resposta é dada imediatamente, como mostra a figura abaixo onde um vendedor de frutas comercializando suas mercadorias de forma bem humorada e contente.

Muitas são as origens dos produtos comercializados na feira de Picos. Ceará, Pernambuco e Bahia. Mas o vale do Rio Guaribas apresenta-se historicamente como potencial hídrico que tem alavancado a produção de legumes, frutas e hortaliças. Portanto, sobrevive na feira práticas seculares como o cultivo de batatas, alho, cebola, tomate, mais recentemente incentivado também pela prática de irrigação através de poços artesianos.

Neste setor, o que o Rio não oferece ao produtor, que na sua maioria é também o vendedor, o mesmo busca nos centros de Petrolina, Juazeiro e Feira de Santana. Vale ressaltar que o projeto de perenização do Guaribas foi alavancado junto à SUDENE concomitante ao do Rio São Francisco e falhou na sua execução. A barragem de Bocaina tem se constituído mais em entrave ao desenvolvimento que em modernidade. Atualmente, grande quantidade de hortifrutigranjeiros vem de outros centros e feiras do Nordeste Brasileiro.



Figura 2 – Feira de frutas e verduras. Fonte: (o autor, 2014).

As barracas de frutas e verduras ainda representam grande atração pelo volume de vendas. Os produtos regionais, como o alho e a banana ainda obtêm grande aceitação do consumidor.

Existe também a comunicação através das placas das mercadorias dizendo o valor de cada coisa a ser vendida em algumas barracas, e também os carros de som tudo para poder vender os produtos.

Essa troca de ideias, de pontos de vista, de argumentos e de experiências faz com que a feira livre seja baseado em acordos e negociações, em cooperação e competição e na execução regras táticas, garantido a agilidade, a adaptação e criatividade de formas de se fazer a feira livre e de trocar experiências. (JÁ SATO, 2007).

Todas essas formas de comunicação possuem seus impactos que podem ser tanto positivos quanto negativos, mas os impactos negativos são frequentes, devido à falta de espaço entre as barracas, faz com que criam um bolo de pessoas que resulta dificultando um pouco as vendas, fazendo com que seja perceptível a necessidade que principalmente os feirantes têm de participar de um trabalho de conscientização, para que melhor possam atender seus clientes na hora da venda. Toda essa pluralidade da Feira de Picos pode ser entendida pelos turistas, como grande atrativo turístico para os visitantes, mostrando a essência cultural da cidade que é referência no Piauí.

3.1 Passado e presente no mesmo espaço social

A história de Picos confunde-se com a história da feira, observa-se que no início do século XX suas primeiras manifestações ocorreram no entorno dos festejos a São José de Botas, padroeiro dos vaqueiros. Portanto, o passado e o presente fazem uma espécie de fusão geradora de identidades transeuntes do mesmo espaço social.



Figura 3 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Fonte: (atitude net, 1932?)

A feira de Picos como expressa na foto na década de 20 mostra as primeiras manifestações da feira livre, na Antiga Rua Velha, na qual, confirmam as tendências de que os festejos religiosos são fomentadores de vendas ao ar livre e indicam como a prática comercial é antiga e muito importante para os tempos modernos, talvez esteja relacionada à formação da produção de excedentes, onde houve a necessidade de troca, de intercâmbio desses produtos excedentes, em decorrência das sobras ou excessos de uns e também da falta e da necessidade de outros. Essa é, sem dúvida, a hipótese mais aceita quanto à origem das feiras livres, oficializadas somente durante o período medieval ou Idade Média.



Figura 4 – Feira de doces regionais. Fonte: (o autor, 2014).

Os doces regionais são um atrativo para turistas e também os próprios picoenses. Derivados de cana e mel natural, de leite, buritis e geleias, a castanha de caju assada são guloseimas que identificam a região dentro e fora do país. Em Picos existem feirantes que aí estão desde a década de 30, comercializando produtos deste setor. É o caso do Senhor João Manoel Santana, conhecido como Sr. Dico Santana que está na figura à cima e se diz orgulhoso de ser atualmente o feirante mais antigo, autodenominando-se filho de feirantes, e hoje dono de empreendimentos no citado espaço. O mesmo conta que presenciou a ascensão de antigos empregados que viraram patrões¹.

Percebe-se nas declarações do entrevistado o resgate de traços da memória e da história da cidade, contida no desenvolvimento do comércio local. A feira de Picos apresenta grande fluxo de vendas próximo à Igreja Nossa Senhora dos Remédios no centro da cidade e os vendedores mais jovens não sabem direito quantos anos ela tem e sua origem.

Ainda se pode perceber que existe a predominância de alguns vendedores que comercializam produtos sem terem barracas só circulando com os produtos em determinadas quadras, como por exemplo: rua principal da Praça Justino Luz que costumam pegar os

¹ A Feira, na Praça Justino Luz, as barracas são mescladas com uma infinidade de casas comerciais e alguns outros órgãos, destacando-se, entre outros, a imponente e majestosa Catedral Nossa Senhora dos Remédios, na parte leste da Praça, assim como a Loteria a Pioneira do senhor Chico Taveira; a fachada norte do Mercado Público, ao sul da Feira; a Casa Cláudia, o comércio de “seu” Militão, e o primeiro armazém-depósito e que depois se mudou para a Rua Santo Antônio, onde se guardavam cereais, bicicletas, bancas e barracas desmontáveis pertencentes a vários feirantes. (DICO SANTANA, 2014).

compradores nos becos entre as barracas e vendendo mercadorias a preços mais baratos. A feira tem função comercial, mas a abordagem ao cliente é como eles mesmos chamam uma cartada cultural.

Segundo a senhora Ilda Maria da Luz, vendedora de refeições no mercado público, é o toque de classe do vendedor o que convence o cliente indeciso.

Vai um prato feito aí, patrão?
 tem porco, carneiro e capão
 tem bife se o senhor preferir
 e doce pra beber água e seguir.
 (ILDA MARIA DA LUZ, 2014).

Esses dialetos se caracterizam como uma das formas de atrair clientes, utilizada pelos feirantes, cada um com seu jeito peculiar, adquirido ao longo dos anos na feira e ainda remetidos por seus antecedentes, visando promover a venda de seus produtos.

Há ainda outras formas de manifestações culturais para chamar a atenção das pessoas que circulam nas ruas que merecem ser citadas como o uso de caixa de som com um locutor que muitas vezes canta, conta piada e busca de varias as maneiras atraírem o publico e ainda os “quibadeiros”, expressão local utilizada para denominar pessoas que buscam clientes nas ruas e levam a determinado ponto comercial realizando a venda a um preço superior ao que o proprietário pede, tendo assim, como pagamento pela venda, todo o valor acima do que realmente seria o produto.

Atualmente a ocupação das quadras da Feira não segue um padrão único de mercadoria, sendo comum, no mesmo bloco, tipos de produtos diferente do específico para cada bloco. Segundo dona Tereza Santana, a ocasião faz a promoção onde à demanda de clientes a procura de um determinado produto influencia na compra de novos produtos que ainda não fazem parte das vendas atuais. Os clientes podem ate fazer a encomenda por estes que não tem atualmente, cabendo assim, ao proprietário à decisão de acrescentar aquela novidade a sua banca.

Nesta figura 5 é possível ver calçados e confecções ofertadas praticamente no adro da Catedral, cujas festividades fomentam as vendas, de produtos de moda, beleza e os típicos do período associados produtos sacros é possível identificar que a cultura religiosa e comércio se associam em espaços próximos, construindo um verdadeiro quarteirão de fé na sobrevivência.



Figura 5 – Igreja Nossa Senhora dos Remédios. Fonte: (o autor, 2014)

A renda varia de acordo com o faturamento de cada barraca, entretanto, nos meses de julho até dezembro, o faturamento aumenta segundo as informações coletadas. Isso se deve exatamente à associação da atividade aos eventos dos santos juninos, natal e ano novo. Parte dos vendedores reside no centro da cidade de Picos, devido à proximidade com a feira, uma vez que as barracas são armadas durante a madrugada e retiradas ao final da tarde. Mas também, sobretudo aos sábados, dia de maior movimento, o comércio se amplia pela ação dos vendedores e produtores da região e dos moradores das cidades que compõem a zona de desenvolvimento do vale do Guaribas.

A feira atende todos os dias pessoas de várias localidades próxima da região. Os clientes que a frequentam são de variados níveis de renda. São pessoas que vão em busca de encontrar em um só lugar todos os produtos típicos da região para consumo, presentear alguém e consumidores que adquirem os produtos em atacado para revender.

A feira tem atraído turistas para conhecê-la, tanto de outros estados brasileiros quanto estrangeiros que querem vivenciar o cotidiano da cidade, passando o tempo em contato com a população que frequenta a feira, observando como se comportam e experienciando a luta do dia a dia. Esse intercâmbio cultural é fascinante, pois serve de memória cultural na medida em que ela é assimilada por outras pessoas em suas respectivas cidades de origem, por possibilitar

interação, geração de renda e propiciar expressões humanas de diferentes formas.

3.2 Um Plano de Mudanças

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. (Le Goff, 1924, p. 368). Assim, o autor explica a importância de estudar os fenômenos sociais para a compreensão do processo histórico da cidade. A feira está em pleno processo de mudança de localização encabeçado em um plano de reordenamento elaborado pela Prefeitura Municipal de Picos em parceria com governo do Piauí.

O plano tem o objetivo de requalificar a Feira de Picos transferindo-a do seu lugar de origem para a Avenida Senador Helvídio Nunes, próximo ao Terminal Rodoviário Zuza Baldoíno, adentrando o Bairro Boa Sorte.

No momento da realização da presente pesquisa, julho de 2014, as obras encontram-se em fase de conclusão, além das instalações do próprio mercado, está sendo providenciada uma estrutura mínima em relação água, esgoto, duas pontes sobre o Rio Guaribas e asfaltamento das principais vias de acesso.



Figura 6 - construção do novo mercado público. Foto: (o autor, 2014).

Os motivos alegados para a transferência é a própria saturação da estrutura, sobretudo a falta de espaço. As barracas inicialmente apenas aos sábados, atualmente são postas todos os dias, congestionando o trânsito, provocando o aumento da poluição sonora e a piora gradativa dos aspectos higiênicos.

O atual mercado público, construído em 1924, na gestão do então prefeito Justino Luz, torna-se pequeno para o fluxo de feirantes e acúmulo desordenado de produtos. No seu interior atualmente se compra e vende de tudo.

Com uma infraestrutura completamente saturada, as condições higiênicas são precárias, agravadas pelo desordenamento das estantes. No mesmo lugar, encontram objetos bem antagônicos, como inseticida, fumo de rolo e refeições.

Ademais, os movimentos culturais requerem sua ocupação com o projeto de uma central de artesanato. Outro fator convergente é a construção do anel viário, que corta o novo espaço da feira e produzirá uma melhor fruição do trânsito nos atuais espaços. Diante da proposta, percebe-se que a cultura de sobreviver alicerça a cultura de ser, estar e fazer.



Figura 7 - O atual mercado municipal. Foto: (o autor, 2014)

O atual mercado está sendo requerido para uma central de artesanato, como forma de revigorar a arte popular a partir dos traços e condições que ela mesma já oferece à cidade. Embora as propostas de transferência da feira sejam recebidas com receio por parte de alguns

comerciantes, autoridades que estão empenhados no projeto de mudança da feira de Picos propõem alternativas para o local a fim de melhorar a locomoção das pessoas, o armazenamento de produtos e mercadorias, o saneamento básico e outras questões que visem à conservação de uma das mais importantes feiras livre do Nordeste. Muito embora não haja documento de comprovação oficial a feira em si é reconhecida como patrimônio, um bem imaterial, simbólico, maior que a soma de seus produtos e mais rico que o volume de recursos que nela circula, por seus feirantes.

A preservação da identidade cultural do espaço de origem, onde os feirantes que trabalham dizem que irá ser um estacionamento livre para todas as pessoas que circulam diariamente na cidade, é de fundamental importância, no entanto os órgãos competentes devem impor condições de higiene e salubridade para que feirantes possam permanecer em Picos sem muitos problemas já que muitos reclamam da falta de segurança tanto a pessoas físicas como a suas mercadorias.

As perspectivas de intervenção no local visam oferecer segurança e conforto às pessoas que nela trabalham todos os dias, entre elas feirantes, ambulantes, carregadores e os mais os compradores que frequenta diariamente a feira.

A feira não é transtornante e sim, mal administrada. Dizem os entrevistados, mas há também aqueles que a prefere longe dos olhares e da intervenção governamental. É o caso do senhor Esteliano de Lima que afirma:

Toda mudança que já foi tentada aqui nenhuma deu certo. O fato é que a feira governa a si mesma, meu cliente vai pra onde ele quer ir e eu vou atrás dele. Ele é que decide onde quer comprar, ele sempre tem razão e ele é a autoridade e pronto.

O depoimento enfático do entrevistado reflete a apreensão com as possíveis mudanças, mas também se observa certa hostilidade com a inércia do poder público em relação aos problemas urbanos.

Ao relacionar eventos passados com eventos presente, a memória é, com efeito, parte integrante dos mecanismos de atribuição de significado próprios de uma cultura. (PERALTA, p. 12).

Na tentativa de ligar passado e futuro, a comerciante Tereza Raimunda do Nascimento, que vende confecções na Praça Justino Luz revela:

A feira já foi um lugar melhor do que é visto hoje, comecei vendendo roupas, já vi por aqui algumas propostas de mudanças de lugar que não tem dado muito certo. É tanto que a transferência da feira de Picos que está prevista para o mês de dezembro de 2014 é recebida com cautela por todos nós que fizemos investimento, compramos nossos espaços e até o momento ninguém disse como é que vai ser. Somos pais e mães de família.

Diante das declarações percebe-se mais uma vez as preocupações com a intervenção de autoridades nos espaços de vendas ao ar livre. Na visão da entrevistada, um dos elementos favoráveis à feira no local onde se encontra é o fato de vans estacionarem nas proximidades do centro, cujos passageiros buscam serviços de saúde, de estética, de advocacia, de mercado imobiliário, de automóveis, enfim, há uma praticidade e economia de tempo para se negociar.

No segmento de verduras essa preocupação aumenta, sob a justificativa de que a própria natureza da mercadoria exige renovação semanal. É o que afirma a entrevistada que é proprietária da barraca a seguir:

Com fruta e verdura é assim, ou vende ou perde. É por isso que as vendas não podem cair, todo mundo aqui tem medo de mudar, porque é prejuízo na certa, não é como um par de calçado que a pessoas guarda na caixa e bota na outra semana, não é?

Neste caso, a sazonalidade apresenta-se como um fator preponderante para as vendas. Por outro lado, as altas temperaturas aceleram a decomposição de materiais orgânicos, principalmente os de casca fina, como uva, banana, tomate e pimentão.



Figura 8 – Feira de legumes e verduras. Fonte: (o autor, 2014).

É fato que a feira cresceu e se espalhou pela cidade de forma heterogênea a padrões jamais vistos na cidade.

Uma das características mais presentes é a de que os setores se misturam, animais vivos estão num setor e de repente, em qualquer calçada, junto com confecção e calçado encontra-se porco, galinha, bode, pato e peru.

No ramo de alimentos e confecções encontrou-se certa permanência por parte das pessoas que têm barracas, mas isso não impede que o improvisado de calçada, de carroceria de caminhoneta também se instale. Estes vão e voltam com imensa facilidade.

O aumento de importados sobretudo do Paraguai tem contribuído para aumentar o congestionamento dos setores e descaracterizado os espaços, mesmo assim, o volume de vendas desse tipo de produto torna-se a cada dia maior.

Finalmente, já abordados os aspectos econômicos e culturais da feira, apresenta-se os mapas a seguir que dar uma ideia, embora vaga, dos setores organizados pelos próprios feirantes, com a ressalva de que isto representa apenas uma predominância, de determinados produtos por lugares.

Durante a semana de segunda a sexta-feira a feira de picos se concentra nos seguintes pontos:



Figura 9 – Mapa de localização da Área de Estudo. Fonte: (o autor, 2014)

- Bloco da roupa
- Bloco das frutas
- Bloco da rapadura
-

Bloco dos legumes

Logo abaixo, se encontra a localização da feira no dia do sábado. É notória a expansão nesse dia isto se dá, devido, ao fluxo maior de pessoas de outras cidades para fazer compras.



Figura 10 - Mapa de localização da Área de Estudo. Fonte: (o autor, 2014)

- Bloco da roupa
- Bloco das frutas
- Bloco da rapadura
- Bloco dos legumes
- Bloco da goma e cereais
- Bloco da galinha caipira
- Bloco dos peixes
- Bloco do troca-troca
- Bloco dos animais em geral

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo geral de analisar a importância da feira livre de Picos para a memória, a cultura e a sociedade, considera-se que a feira traz no presente traços remanescentes da memória, sendo que elementos desta mesma memória cultural são ainda utilizados para a abordagem de clientes, como a embolada, o cordel, o forró e a cantoria.

Diante da missão específica de resgatar a história da feira, encontrou-se que a feira de Picos deu origem à cidade, tendo iniciado com o pequeno comércio de bovinos e cavalares, atraindo comerciantes de Pernambuco, Ceará e Bahia.

Identificou-se que os traços essenciais na combinação feira e cidade que remanescem no tempo ainda são os templos religiosos, de cujos festejos e quermesses impulsionaram o comércio movido pela fé, que desde os primórdios do século XX faz aglomerado de pessoas na região. O novo é constantemente ressignificando uma vez que novas características são incorporadas na prática dos feirantes, como as mudanças de padrão de consumo e as novas necessidades, como nas áreas de diversão, saúde e educação, estreitando sua relação com o cotidiano social.

Não se pode ignorar que a feira de Picos já atravessou vários momentos e com o passar do tempo vem seguindo as tendências de modernização das feiras livres, apesar disso, ainda convive com muitos problemas. Diante do estudo, sugere-se a construção de banheiros públicos no quadro da feira, pois atualmente só existem dois sanitários públicos para homens e dois para mulheres em todo o espaço da feira.

Este centro de comércio carece também de um posto de saúde próprio para atender urgência e emergência no setor; incentivo financeiro para a cobertura das barracas, pois o interesse do sistema financeiro pelos pequenos negócios é um dos requisitos para o desenvolvimento de qualquer mercado consumidor.

A feira tem um grande potencial turístico e comercial, mas é preciso que se adotem medidas, em prol da sua mais ampla possibilidade de utilização, como instruir os feirantes em como tratar os estrangeiros, como interagir sem que eles se sintam obrigados a manter uma relação que não os agrada, que preços devem ser praticados.

A Feira de Picos é sem dúvida, um patrimônio cultural do Piauí. Bem verdade que o espaço carece de melhoramento em sua infraestrutura. Espera-se que com a transferência da feira melhores condições de vida, mediante padrões higiênicos, que irá envolver saneamento, sistemas de armazenamento de produtos, conservação e melhores condições de mobilidade nos compartimentos. Essas melhorias têm uma importância inegável para o melhor

aproveitamento desse patrimônio, seja por parte dos turistas e também da população local. E o mais importante, que nenhuma mudança ocorra em prejuízo das vendas, que conforme o estudo é o que os feirantes mais temem.

Este estudo foi para o pesquisador muito significativo em face de propiciar a oportunidade de refletir sobre códigos materiais e imateriais componentes da história de Picos, a terceira maior cidade do estado do Piauí.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. "A formação da festa à brasileira" In: **Festa à Brasileira: significados do festejar, no país que não é serio**", Tese de Doutorado defendida FFLCH-USP, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. "A **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro". Jorge Zahar, 2001.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.
- BURKE, Peter. **Variedade da história cultural**. Trad. Aldo Porto. Rio de Janeiro: Ática, 2000.
- ELSA PERALTA. **Abordagem teórica ao estudo da memória social**. Rio de Janeiro: Ática, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FERREIRA, Maria Nazareth. "**Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares**" In: Comunicação e Política, Rio de Janeiro – R.J, v 24, n. 02, maio-agosto de 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. (Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro) 3. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 1999.
- JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3.ed. ver. E ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [ET al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- MASCARENHA, G. **Feiras livres: informalidade e espaços de sociabilidade**. (2005) www.ess.ufrj.br/site_coloquio/mesa2_05.
- MUNFORD, L. **As Cidades na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 4. Ed. São Paulo: Martins, 1998.
- WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José. **As estratégias da memória social** (In, *Brasilis: revista de história sem fronteiras*) Rio de Janeiro: Editora Atlântida, Ano 1 nº1, 2003).